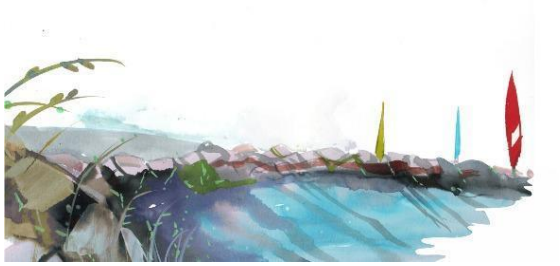

extremos
34° Encontro Nacional anpap FURG Rio Grande/RS

“JANTAR EM FAMÍLIA”: AS RELAÇÕES AFETIVAS NA FOTOPERFORMANCE

Isadora Garcez Seabra[1]
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Associado/a/e ANPAP: não

Profa. Dra. Luciana Benetti Marques Valio[2]
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Associado/a/e ANPAP: sim

RESUMO
“Jantar em família” (2025) consiste de um tríptico de fotoperformance, em que as imagens são atravessadas por uma narrativa que aborda os estereótipos da família tradicional, ao mesmo tempo em que contrapõe essas construções às complexidades das relações afetivas. Decorrendo a partir de considerações feitas acerca da imagem, da memória e dos afetos e, trazendo o corpo enquanto transformador de ambientes e mediador das inquietações e dos valores que são construídos durante a vida.

PALAVRAS-CHAVE
Relações Afetivas. Memória. Corpo.

A fotoperformance “Jantar em família” (2025) foi realizada no contexto da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “O que os fios contam? Um percurso sobre a Arte Têxtil no Brasil e Experimentações Têxteis", desenvolvida com bolsa PROBIC/FAPERGS, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Valio, na Universidade Federal do Rio Grande, FURG/RS. No decorrer da pesquisa, além da investigação teórica sobre obras de arte têxtil, destacou-se a importância da experimentação prática por meio de performances que enfatizam a materialidade dos têxteis.

Com isso, as experimentações foram realizadas com o uso de fios e linhas, mas também com outros elementos especificamente confeccionados para as performances, como as máscaras de cerâmica e de papel machê. Assim, diferentes materiais compuseram o conceito do trabalho artístico, estabelecendo aproximações com as narrativas têxteis contemporâneas, conforme descreve, a artista e professora da Universidade Federal do Pernambuco, Luciana Borre (2021):

[1] Estudante em formação do curso de Artes Visuais Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista de Iniciação Científica, PROBIC/FAPERGS, 2024/2025. Suas práticas artísticas estão voltadas para a performance, o vídeo, a arte têxtil e a fotografia. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0383530471433439

[2] Artista, Pesquisadora em Arte Contemporânea e Professora de Tridimensionalidade do Curso de Artes, Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande - ILA/FURG, com atuação nas Linhas de Pesquisa em Arte Têxtil; Saberes ancestrais e manualidades na arte contemporânea; Arte e Natureza; Arte e decolonialidade; e Intervenção urbana. Doutora pela UNICAMP, Pós-Doutora pela UNICAMP e pela UFBA. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0440400904087 35 e ORCID https://orcid.org/0000-0003-2795-1538 .

> Gosto de chamar de práticas e narrativas têxteis contemporâneas as inúmeras ações poéticas que utilizam distintas materialidades e/ou concepções têxteis, desde o bordado, o crochê, o tricô, a tapeçaria (...) até a pesquisa de fibras e tramas digitais, praticadas por artistas, artesãs/ãos, estudantes, desejantes e curiosas/os para visibilizar narrativas pessoais e/ou de grupos e comunidades. É quando o têxtil em sua materialidade ou conceituação - ou mirabolações - se torna imprescindível aos processos de criação (não somente de artistas). (Borre, 2021, p. 25-26).

Com as “mirabolações” estimuladas - ou permeadas - pelo têxtil, a performance assume o papel de ação da produção artística. Trata-se do corpo da artista em atuação. No caso de “Jantar em família” (2025) (Imagem 1), a obra consiste de um tríptico de fotoperformance, em que as imagens são atravessadas por uma narrativa que aborda os estereótipos da família tradicional, ao mesmo tempo em que contrapõe essas construções às complexidades das relações afetivas. O núcleo familiar é apresentado ao redor de uma mesa de jantar à luz de velas, posta com louças herdadas da família, preenchidas por fios emaranhados que transbordam dos pratos e das travessas. Estão presentes pai, mãe e filha.

Imagem 1: tríptico “Jantar em Família”, 2025, Isadora Garcez. Créditos da imagem: Isadora Garcez.

A imagem central (Imagem 2), “Típico jantar em família” (2025), já em seu título propõe a provocação a que se destina: faz referência ao estereótipo da família tradicional - pai, mãe e filha/o reunidos ao redor da mesa. As imagens do tríptico tensionam a narrativa ficcional com a realidade, friccionando convenções e abre-se espaço para outras leituras possíveis.

Imagem 2: “Típico jantar em família” - série “Jantar em Família”, 2025, Isadora Garcez. Créditos da imagem: Isadora Garcez.

Trata-se de uma família à espera do jantar. Os pais, posicionados um de cada lado da mesa, aguardam a filha, que permanece em pé, atrás da cadeira, como se estivesse prestes a proferir algo importante. Sua mão, próxima ao corpo, transmite uma certa insegurança quanto ao que viria a ser falado. O pai, sentado à sua direita, mantém a postura ereta e firme, evidenciando a frieza de uma conduta autoritária e rigorosa. Ele segura a máscara quase como se segurasse um cachimbo - talvez fosse um cachimbo velho de madeira usado por seu pai que perdurou até hoje. O cheiro do fumo se espalha pela atmosfera da casa.

À esquerda da filha, está a mãe, quase apagada pela sombra austera do pai, que domina a cena. A casa, por sua vez, que deveria ser um local de acolhimento, também à engole. Sua máscara, voltada para baixo, expressa melancolia e revela seu possível apagamento dentro desse cenário. Ela parece ter forças apenas para encarar o emaranhado de confusões e inquietações espalhadas por toda a mesa - entre pratos, talheres e panelas - mas, ao mesmo tempo, não se sobressai tanto; se esconde, se dissipa na única luz que habita o ambiente, emanada pelas três velas dispostas em um castiçal secular da família. O breu da janela, às costas da filha, revela a imensidão de pensamentos e conceitos que pairam sobre a estrutura familiar.

A imagem central, “Típico jantar em família”, se desdobra na imagem à esquerda, “Véu excessivo” (Imagem 3), que apresenta apenas a filha. A mesa já não está mais presente, nem o pai, nem a mãe. Os elementos que constituem a cena são reduzidos e concentrados na presença da filha, cuja figura ganha ênfase e centralidade na composição imagética.

Imagem 3: “Véu excessivo” - série “Jantar em Família”, 2025, Isadora Garcez. Créditos da imagem: Isadora Garcez.

Assim, é possível perceber a presença da carga genética que a filha carrega por meio da máscara do pai, que oculta seu rosto na fotografia. Essa herança - esse fragmento do pai que a filha sustenta em si - manifesta-se como autocontrole e senso de responsabilidade, mas pode também assumir contornos negativos, como medo, raiva e ressentimento. A vela trazida à frente surge como um mecanismo de defesa, como se invadisse a escuridão das incertezas, funcionando quase como uma armadura contra as infelicidades que rodeiam a vida.

Mais uma vez, o lado direito surge, remete à posição do pai na mesa de jantar, no momento em que a filha segura a máscara com a mão direita - gesto que simboliza a força transmitida de pai para filha, necessária para adentrar nesse breu excessivo. Essa escuridão estabelece uma conexão com a figura da mãe na primeira fotografia, também engolida pela penumbra da casa. Ambas são consumidas. É uma fotografia em movimento, é uma história em curso, sendo contada em silêncio e imagem.

Diante disso, a última imagem do tríptico (Imagem 4), “A vela que acende", apresenta o lado feminino que compõe o núcleo familiar. Filha e mãe se sobrepõem, e se dissociam. Seguirá a filha na penumbra da mãe? Qual lugar caberá a ela na criação de um novo núcleo familiar?

Imagem 4: “A vela que acende” - série “Jantar em Família”, 2025, Isadora Garcez. Créditos da imagem: Isadora Garcez.

A vontade de olhar, de experimentar, de viver - em contraposição ao medo e ao receio diante de tudo que é herdado - é o que alude, ou parece simbolizar, a máscara que se afasta do rosto. Ela encarna a curiosidade que nasce, cresce e se alimenta dentro de nós: o desejo de descobrir e desbravar o mundo. É isso que impulsiona a ação. O medo de falar e não ser ouvida. A vontade de existir, sendo plenamente quem se é.

A aparente sensação de abrigo e de segurança que a presença materna evoca na estrutura da filha também pode se converter em ciúme e possessividade. A ambiência provocada deve-se à incidência da luz da vela que está atrás, criando espaço para o conforto do corpo e apagamento dos elementos restantes. Com isso, o íntimo é revelado. E, mais uma vez, os lados do corpo são remetidos a uma leitura simbólica: a mão esquerda, refere-se à mãe, e segura a máscara diante do rosto, quase como se estivesse prestes a removê-la; os detalhes do vestido tornam-se mais visíveis, apresentando a delicadeza e sutileza; e a luva vermelha é uma alusão ao sangue, que carrega a linhagem e reforça o caráter feminino.

Considerações afetivas da imagem, da memória, da vida e do corpo:

> *Nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja nosso lar feliz ou problemático, nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor.* (hooks, 2021, p. 49).

Olhar para as três fotografias em conjunto é instigar também as relações de afeto e de amor - sentimentos sempre presentes em minha vida, cada qual com suas peculiaridades e divergências. E inclusive compreender meu lugar nessa vida e reconhecer minhas origens, trazendo para este trabalho os afetos que resistiram à

bagunça acumulada em minha bagagem. Esses se revelam nas mais simples coisas da vida, como em um *jantar em família*, quando compartilhamos anseios e desejos. Trata-se de um costume transmitido por gerações e que perdura até hoje: pequenas e significativas trocas entre nós, pessoas singulares, conectadas pelo alimento e pelas conversas. São atos singelos que transformam a nossa vida e o nosso olhar diante dela.

Além disso, é importante reconhecer que a utilização do corpo como parte da obra é uma das inúmeras possibilidades que fazem a arte nos levar para além de nós mesmos, sobretudo quando consideramos os desdobramentos complexos possíveis que o trabalho artístico pode provocar. A performance - ou fotoperformance - confere ao artista a potência de sensibilizar o mundo não apenas pelas mãos, mas pela própria corporeidade. É a presença do artista que atua como mediadora das nossas inquietações pessoais, políticas e sociais.

Da mesma forma, como delineia Regina Melim em “Performance nas artes visuais”, é possível analisar o lugar escolhido como espaço de experimentação ou de prática artística. Na ausência de um ateliê, emerge a curiosidade e a provocação de testar lugares diversos como palco desses trabalhos de arte, dissolvendo assim, os limites entre ateliê e lar, público e privado, casa e trabalho. Tudo se integra em uma grande hibridização.

> Quando o ateliê passa a ser “qualquer lugar”, “todo lugar”, ou “onde eu estiver”, seu conceito passa a se estruturar não somente como um lugar físico, mas, sobretudo, como uma espécie de parênteses no tempo, passando a existir, então, onde o artista está. (Melim, 2008, p. 50)

Realizar a fotoperformance “Jantar em família” (2025), na casa onde cresci, com a presença de minha mãe e meu pai, significou transformar uma ação cotidiana em um ato artístico, ressignificar todo o espaço e dissolver medos e angústias antes presentes - hoje superados. Foi transfigurar os ambientes por meio de nossos corpos modificados pela arte e, mais uma vez, olhar para a vida a partir dos afetos construídos ao longo dela. Trazer a sala de jantar na fotografia - ambiente tão presente durante toda a minha infância e adolescência, com sua mesa elíptica e generosa - foi valorizar lugares e momentos simples que fazem falta no nosso cotidiano. Espaços e tempos que se constroem e desconstroem ao longo da vida, dando origem a novos conceitos e propósitos. Estimulando e provocando o fazer artístico, seja como uma forma de agradecer, admirar e respeitar os instantes únicos e sinceros que experienciamos neste longo e, por vezes, dolorido percurso que é existir e viver.

Referências

BORRE, Luciana. Práticas e Narrativas Têxteis Contemporâneas. In: BORRE, Luciana; ANDRADE, Luana (Org). Tramações: a memória e o têxtil. Recife/PE : Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE, 2021. p. 25-33.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MELIM, Regina. Performance nas artes visuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.